

VÉSPERAS DO INAPREENSÍVEL

Bruno Mazolini de Barros¹³⁴

REIS-SÁ, Jorge. *A definição do amor*. São Paulo: Tordesilhas, 2016. 256 p.

Jorge Reis-Sá é um dos escritores mais produtivos que fazem a literatura portuguesa neste início de século XXI. Nascido em Portugal, em 1977, em Vila Nova de Famalicão, possui, além da formação acadêmica em Biologia, experiência como editor em diversas casas editoriais e instituições. Em Portugal, participa da publicação de autores clássicos brasileiros, em parceria com a Academia Brasileira de Letras, no projeto “Biblioteca da Academia”. Tendo produzido diversas obras desde 1999 — entre poemas, contos, crônicas e romances —, tem publicado, no Brasil, a coletânea de poesia *Biologia dos homens* (Escrituras, 2005); a antologia *Dicionário Amoroso da Língua Portuguesa* (Casa da Palavra, 2009), projeto que assina com Marcelo Moutinho; e os romances *Todos os dias* (Record, 2007), *O dom* (Record, 2009) e *A definição do amor* (Tordesilhas, 2016).

Em *A definição do amor*, prosa na qual está transparecida não só a sua habilidade narrativa mas também sua veia poética, Jorge Reis-Sá revisita temas que são caros à sua obra: o luto, o espaço da casa e a memória. O texto está dividido, majoritariamente, em o que podem ser consideradas duas seções principais que se alternam. Apesar da estranheza formal e temática que parecem dividir, à medida que o romance progride, a interdependência entre elas revela-se, até estar selada em uma das seções finais da narrativa, um bloco único intitulado “Hoje”.

¹³⁴ Doutorando em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista CNPq. E-mail: brunomazolini@gmail.com.

As porções textuais que mais substancialmente ocupam o romance são as que compreendem o sofrimento de Francisco em face à morte cerebral de sua esposa, Susana, que está grávida. Em forma de diário, divididos em 6 meses nominados, essa escrita íntima da personagem abarca o período no qual o professor de filosofia tem que enfrentar a presença implacável da morte. Já as seções “Véspera” apresentam uma rede familiar de sexo, segredos e violência em diferentes níveis, tecida por décadas. Essa teia desenlaça-se nas vozes de diversas personagens que, direta ou indiretamente, fazem parte da vida de Francisco e Susana.

A epígrafe do texto — “The lesson today is how to die.” — ressalta a importância do tema da morte na narrativa. Tomado pela insônia e depressão decorrentes do luto em processo, Francisco passa a refletir até em sua própria morte, além de sentir-se abandonado em sua própria rotina: a ausência de sua esposa na cama e nas atividades diárias compartilhadas em casa; as férias com ela até então divididas e não mais viáveis; a criação dos filhos e o encaminhamento da educação deles. O sofrimento da perda e a escrita de Francisco estão atravessados também por momentos e memórias de abandono em sua vida e na de outras personagens: ele, como pai, abandona, de certo modo, o filho, mesmo que temporariamente; sua esposa foi abandonada pelos pais, para ser cuidada pela avó. Além disso, com a iminência do falecimento de Susana, Francisco sofre por um futuro imaginado com ela que não poderá ser concretizado.

O luto narrado é ainda tomado pela angústia da gravidez que progride proporcionalmente à aproximação do óbito de Susana, gerando um conflito familiar no professor: ele está perante o irromper da vida de uma filha que, concomitantemente, traz uma morte da mãe. No entanto, isso tudo não o isenta de momentos de lucidez em relação à sua própria situação, quando até toma consciência das fases do processo de luto no qual está envolvido:

Terá ela aceite morrer? Quando caiu na Caixa, quando disse da dor de cabeça ao Martins, quando percebeu - terá percebido? - que desmaiaria: terá tido tempo para aceitar que não mais acordaria? Dizem que primeiro se nega, depois se revolta, se negoceia, se deprime e finalmente se aceita a inevitabilidade dos olhos fechados. Mas o tempo não deixou que tanto fosse possível - aceitarei eu um dia que ela não seja? (REIS-SÁ, 2016, p. 217).

Já a citação que encerra o romance — “[Vou para casa esquecer que parti.]”, menção a um poema do próprio Jorge Reis-Sá, verso que está acompanhado por uma indicação musical — aponta para a importância do espaço da casa na narrativa. Em *A definição do amor*, a casa é o espaço da memória, mas também o da escrita e o da espera, onde Francisco aguarda, por muito tempo, o retorno da esposa. Porém, ele sabe que essa volta é, no fundo, impossível. É, assim, um espaço do passado e do futuro: local de memória de um tempo feliz mas também local de um porvir no qual o professor sente-se, muitas vezes, incapaz de confrontar. A casa da família é, ao longo do romance, não só o espaço do amor e das alegrias da infância, mas inclusive espaço de um luto presente e irrevogável e de um futuro que pode até vir a ser admitido:

Saí da escola, vim para casa. O carro em frente ao portão que desce à garagem. Vou para casa, pensei. Meter o carro, subir as escadas, abrir a porta, estarei em casa. A solidão como uma faca. Ninguém. Eu já não tenho casa. A que tinha morreu e a Susana ainda vive. Hei de construir outra, eu sei. Há duas crianças à espera que as paredes lhes guardem a mais feliz das infâncias. E eu serei o responsável tanto pela tristeza como pela alegria possíveis (REIS-SÁ, 2016, p. 216).

A definição anunciada no título é questionada e atualizada ao longo da narrativa, ganhando matizes mais complexos do que parece estar encenado no início do romance, além de adensar-se na proporção em que a face oculta das relações entre as personagens estão cada vez mais explicitadas. A busca por uma indicação do sentido do amor culmina em uma quarta seção do romance, um poema, após a já mencionada terceira parte intitulada “Hoje”.

Assim como já havia realizado em seu romance *Todos os dias*, Jorge Reissá trabalha narrativamente o sofrimento do luto e o espaço da casa em *A definição do amor*; e, como naquele romance, apesar de em estruturas diversas, ele organiza esse material sob o eixo da memória. Independentemente de *A definição de amor* apresentar seções alternadas entre a escrita pessoal do professor de filosofia e as seções “Véspera”, o diário de Francisco é, em si, também uma véspera, seja de uma morte inevitável, seja da possibilidade de uma nova vida que se irrompe e, com ela, uma *outra vida* para ele. Os dias e anos que atravessam o romance são todos vésperas de situações complexas de serem aferidas ou até encaradas por todas as personagens: são vésperas do amor e da morte.

Recebido em 01/11/2017.

Aceito em 25/02/2018.